

PMDB revoltado com a possível volta ao FMI

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

Até às 16 horas de ontem, o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, não sabia que o governo brasileiro havia firmado entendimento com os banqueiros internacionais para suspensão da moratória e pagamento da dívida externa. O deputado paulista estava em seu gabinete, na Câmara, quando os deputados peemedebistas Oswaldo Lima Filho e Hélio Duque foram procurá-lo para saber informações sobre o assunto. Aparentemente surpreso, o dirigente do PMDB foi para o telefone tentar obtê-las do próprio ministro da Fazenda, Bresser Pereira.

Indignação, é a palavra que melhor define a reação da maioria dos peemedebistas à decisão do governo de fechar um acordo com os credores do País, admitindo a possibilidade de retorno da FMI. O líder do partido no Senado, Fernando Henrique Cardoso, informou que, na próxima semana, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, comparecerá perante a Comissão da Dívida Externa para esclarecer a questão.

Conforme o senador de São Paulo, se forem confirmados os termos do entendimento ontem divulgados, o PMDB não mais terá condições de continuar apoiando o governo, nem de endossar o acordo com os credores.

O deputado Oswaldo Lima argumentou que o partido tem de se desligar "desse acordo", observando que o ministro Bresser Pereira não representa o partido, que durante vinte anos lutou contra a intermediação do FMI, lembrando que o ministro Bresser tem vários livros responsabilizando aquele organismo pela recessão nos países da América Latina. Hélio Duque garantiu que vai pedir o desligamento de Bresser Pereira do PMDB.

Mais indignado, ainda, o primeiro vice-líder do PMDB na Constituinte, e integrante da executiva, deputado Euclides Scalco, acusou o governo de "capitulação" por ter suspenso a

moratória, medida que, em sua opinião, "desonra o PMDB, cujos programas e diretrizes da última convenção condenam a providência".

Outro integrante da executiva do PMDB, o deputado Francisco Pinto disse que o acordo "parece uma rendição, embora, de certo modo, isso já fosse esperado porque o governo não tem apoio político". Para o deputado baiano, a decisão do governo brasileiro enfraquece a posição de mais de vinte países devedores do Terceiro Mundo que estão prestes a decretar moratória.

"SURPREENDENTE"

"Para mim, o fim da moratória é surpreendente. Havia reiteradas informações que isso não ocorreria. Agora, temos a ida ao FMI e o fim da moratória". O comentário foi do líder do PFL no Senado, Carlos Chierelli. Provocado pelos jornalistas, ele admitiu que isso poderá estimular o movimento pela realização de eleições gerais, de vereador a presidente da República, em 1988.

"A moratória terminou na hora em que o Brasil fez pagamento. Isso acontece quando a Argentina decreta sua moratória. Não dá para entender", acrescentou.

Ele admitiu que "adotado o repositório do FMI, que já conhecemos, criar-se-ão condições para convocação de eleições gerais a 15 de novembro de 1988".



Ulysses: sem informações oficiais